

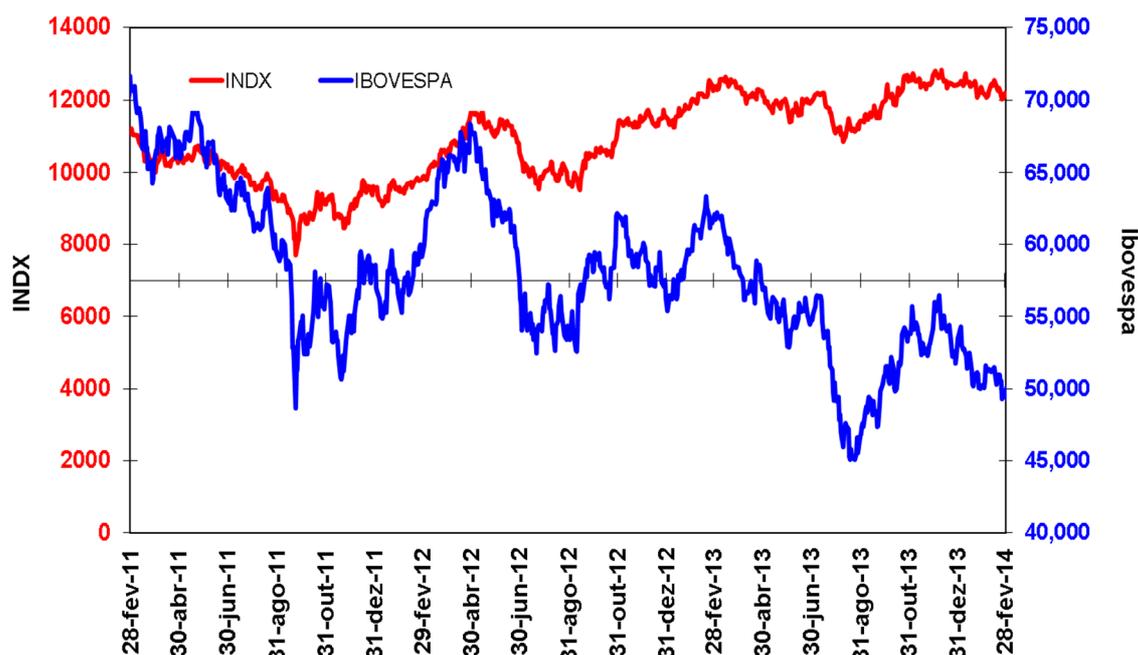
**INDX registra segunda queda seguida em fevereiro**

Dados de Fevereiro/14

Número 83 – São Paulo

O Índice do Setor Industrial (INDX), composto pelas ações mais representativas do segmento, encerrou o mês de fevereiro com queda de 2,91% em relação a janeiro, recuando para 11.164 pontos. O índice havia recuado 8,29% no mês anterior, completando assim a segunda queda consecutiva nesta leitura atual, após exibir crescimento nos seis meses anteriores. Para efeito de comparação, o Índice IBrX 50, composto pelas 50 ações mais negociadas na Bovespa, encerrou em 7.971 pontos no mês de janeiro, apontando retração de apenas 0,1%, ao passo que o Ibovespa atingiu 47.094 pontos, revelando perda de 1,1%, na mesma base de comparação.

O volume movimentado pelas ações do INDX alcançou R\$ 26,2 bilhões no mês de fevereiro, contra R\$ 32,4 bilhões no mês anterior. Este volume representou 19,91% do total negociado na Bovespa no segundo mês do ano, o que significa uma queda de 3,78 p.p. em relação ao nível registrado no mês anterior.

**Índices de Ações (Fevereiro/2014)**

Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

**Evolução dos Fechamentos - Fevereiro**

	INDX	IBrX 50	Ibovespa
No mês (T/T-1)	-2.91%	-0.14%	-1.14%
No ano	-10.97%	-8.33%	-8.57%
Em um ano (T/T-12)	-8.37%	-8.34%	-17.99%

Fonte: Bovespa. Elaboração: Fiesp.

No mercado financeiro, a maioria das principais bolsas mundiais registrou desempenho positivo em fevereiro. Os resultados deste mês comparado ao mês imediatamente anterior foram: CAC 40 - França (5,82%), Nasdaq – EUA (4,98%), FTSE 100 – Reino Unido (4,60%), S&P 500 – EUA (4,31%), DAX – Alemanha (4,14%), Dow Jones – EUA (3,97%). Em sentido contrário: Nikkei – Japão (-0,49%), Ibovespa – Brasil (-1,14%) e Merval – Argentina (-3,89%), lembrando que este último país havia apresentado fortes ganhos no mês anterior (11,64%).

Na análise do INDX de fevereiro, considerando os preços dos ativos até o dia 28, as ações que apresentaram as maiores variações positivas foram: 1) EMBR3 (13,9%): atuando no setor de Material de Transporte; 2) INEP4 (13,5%): setor de Máquinas e Equipamentos; e 3) WEGE3 (11,6%): setor de Máquinas e Equipamentos.

Por outro lado, as maiores variações negativas no mês foram registradas pelas seguintes ações: 1) POSI3 (-20,7%): setor de Computadores e Equipamentos; 2) USIM5 (-17,9%): setor de Siderurgia e Metalurgia; e 3) USIM3 (-17,7%): setor de Siderurgia e Metalurgia.

## **Principais notícias divulgadas em Fevereiro:**

### **Produção industrial surpreende negativamente em dezembro e mostra queda de 3,5%**

A produção industrial brasileira registrou queda de 3,5% na passagem de novembro para dezembro, após ajuste sazonal, surpreendendo negativamente o mercado e o Depecon/FIESP, que projetavam uma queda de menor magnitude (-1,6%). Tal variação negativa na margem foi a mais expressiva desde dezembro de 2008. Em novembro, a indústria assinalou contração de 0,5% (dado revisado). Já em relação a igual mês do ano anterior, a retração foi de 2,3% em dezembro de 2013, a maior desde março do ano passado, interrompendo uma sequência de três leituras consecutivas de alta. Os dados foram divulgados na manhã de hoje (04/02) pelo IBGE em sua Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF).

A forte contração em dezembro foi generalizada dentre as atividades industriais, já que 22 dos 27 ramos registraram perdas frente ao mês imediatamente anterior, na série dessazonalizada. Veículos automotores (-17,5%) foi a atividade que anotou a maior influência negativa sobre a formação do índice geral, refletindo principalmente a concessão de férias coletivas em várias empresas do setor e os estoques elevados. Além desta, vale destacar o desempenho de máquinas e equipamentos (-6,2%), farmacêutica (-11,7%), refino de petróleo e produção de álcool (-4,3%) e metalurgia básica (-7,4%), atividades que também mostraram quedas consideráveis no período. Já os ramos de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações (10,6%) e vestuário e acessórios (10,9%) apresentaram as maiores elevações entre novembro e dezembro.

No que diz respeito às categorias de uso, o grande destaque negativo foi bens de capital, cuja produção declinou 11,6%, influenciada especialmente pela menor produção de caminhões. As categorias de bens intermediários (-3,9%), bens de consumo duráveis (-3,0%) e bens de consumo semi e não duráveis (-2,3%) também evidenciaram taxas negativas em dezembro.

Com o resultado de dezembro, a produção industrial acumulou perda de 0,8% no quarto trimestre de 2013, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, já descontadas as influências sazonais. Cabe ressaltar ainda que o primeiro semestre do ano passado anotou elevação de 2,1%, ao passo que a segunda metade do ano mostrou avanço de apenas 0,3%, com base na mesma métrica.

A indústria brasileira cresceu somente 1,2% em 2013, o que não compensou a contração de 2,5% verificada em 2012. Em termos setoriais, 17 dos 27 ramos apresentaram aumento da produção no ano passado, sendo que veículos automotores (7,2%) exerceu o maior impacto positivo sobre o resultado global, impulsionada pela maior fabricação de caminhões no primeiro semestre. Outras contribuições positivas relevantes vieram de refino de petróleo e produção de álcool (7,3%), de máquinas e equipamentos (6,1%), de outros equipamentos de transporte (8,0%), de outros produtos químicos (2,3%) e de perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza (5,5%). Em sentido contrário, os maiores destaques negativos foram edição, impressão e reprodução de gravações (-10,2%), farmacêutica (-9,7%), indústrias extrativas (-4,1%), bebidas (-4,1%) e metalurgia básica (-2,0%).

Em relação às categorias de uso, bens de capital assinalou a maior expansão em 2013, de 13,3%, puxada pela maior fabricação de equipamentos de transporte. Já a categoria de bens de consumo duráveis acumulou ganho de 0,7% no ano passado, após ter registrado quedas de 3,5% e 2,0% em 2012 e 2011, respectivamente. Por fim, a produção de bens intermediários ficou estável (0,0%), enquanto que a de bens de consumo semi e não duráveis sofreu retração de 0,5%.

Em suma, a produção industrial surpreendeu significativamente em dezembro de 2013, ao recuar 3,5% frente ao mês imediatamente anterior, taxa bastante inferior à projetada pelo mercado e pelo Depecon/Fiesp. Com isso, a indústria brasileira encerrou o ano passado com o modesto crescimento de 1,2%, não compensando a contração de 2,5% observada em 2012.

Em 2014, acreditamos na continuidade do cenário de baixo crescimento da indústria, tendo em vista, entre outros fatores, a confiança deprimida do empresariado, a piora dos condicionantes de consumo e investimento, e a ausência de algumas excepcionalidades que influenciaram positivamente o desempenho do setor no último ano.

### **PMI Composto brasileiro inicia 2014 com queda**

O índice de Gerentes de Compras (PMI) composto do Brasil, divulgado ontem (05/02) pelo HSBC/Markit, registrou retração ao passar de 51,7 para 49,9 pontos na passagem de dezembro para janeiro, ficando muito próximo da linha de estabilidade de 50 pontos. O resultado reflete

direções opostas entre os componentes analisados, visto que a produção do setor industrial cresceu ao passo que a do setor de serviços diminuiu.

Em relação ao setor de serviços, o índice caiu de 51,7 em dezembro para 49,6 em janeiro, mostrando retração na produção do setor brasileiro. Embora marginal, a redução mais recente na atividade foi a primeira em cinco meses. A queda é reflexo em grande medida da piora nas condições de financiamento e pressão da concorrência. Além destes, a inflação dos insumos do setor de serviços acelerou e atingiu o seu ponto mais alto dos últimos três anos, elevando os custos de mão de obra e de matérias-primas. Cabe ressaltar que o mês de janeiro registrou aumento no volume de novos pedidos recebidos pelos provedores de serviços pelo décimo sétimo mês consecutivo.

Por fim, as empresas do setor seguem otimistas em relação às perspectivas aos próximos meses, embora mais fracas que anteriormente. Ao mesmo tempo em que há um sentimento positivo no que se refere aos planos de expansões dos negócios e à demanda mais forte associada à Copa do Mundo, há também preocupações com as pressões inflacionárias, bem como as incertezas que estão relacionadas às eleições presidenciais.

### **Markit/HSBC: Mercados Emergentes mostram o crescimento mais fraco em quatro meses**

Na manhã de hoje (10/02), o instituto Markit divulgou o Emerging Markets Index (EMI), indicador mensal oriundo dos resultados de PMI compostos de nações emergentes. De acordo com o boletim atual, o indicador recuou de 51,6 pontos em dezembro para 51,4 pontos em janeiro, apresentando o menor ritmo de crescimento dos últimos quatro meses. O resultado foi puxado pela queda tanto do setor industrial quanto do setor de serviços.

Dentre os BRICS (exceto a África do Sul), a China foi o único país a mostrar PMI composto acima de 50 pontos, a despeito do recuo de 51,2 pontos em dezembro para 50,8 pontos em janeiro. Por outro lado, Brasil (de 51,7 para 49,9 pontos), Índia (de 48,1 para 49,6 pontos) e Rússia (de 52,5 para 49,6 pontos) assinalaram menor atividade econômica no mês passado, com perdas mais expressivas no setor de serviços.

A produção industrial cresceu em ritmo moderado em janeiro, com destaque às desacelerações na China e no Brasil, bem como à contração no indicador da Rússia. Já o crescimento do setor

serviços ocorreu à menor taxa em seis meses, tendo em vista os recuos nos índices da Índia e do Brasil e as elevações modestas nos índices de China e Rússia.

Ademais, de acordo com o economista-chefe do HSBC responsável pelos mercados emergentes, o setor industrial mostra resiliência em sua produção dentre os países, sendo que os novos pedidos de exportação mantêm o otimismo quanto à atividade do setor. Há também uma menor pressão dos preços, já que a variação foi a menor em seis meses. Por fim, quanto ao mercado de trabalho, o PMI mostrou menor ritmo expansivo, o que pode interferir no consumo doméstico dos países.

### **Índice de Atividade Econômica do Banco Central cresce 2,52% em 2013**

Na manhã de hoje (14/02), o Banco Central divulgou o IBC-Br (Índice de Atividade Econômica), proxy mensal para o Produto Interno Bruto (PIB). O indicador mostrou contração de 1,35% na passagem de novembro para dezembro, já descontadas as influências sazonais. Vale lembrar que o indicador havia registrado queda de 0,64% (dado revisado) em novembro. O resultado negativo em dezembro veio em linha com a projeção do Depecon/FIESP, que apontava para recuo de 1,25%. Na comparação com dezembro de 2012, o IBC-Br apresentou expansão de 0,71% na última leitura, taxa inferior à observada em novembro (1,34%).

A retração do IBC-Br em dezembro refletiu as expressivas quedas da produção industrial (-3,5%) e do volume de vendas no varejo ampliado (-1,5%) em dezembro, nas séries dessazonalizadas.

A atividade econômica exibiu alta de 2,52% em 2013, segundo a proxy do Banco Central, mas vale ressaltar que tal resultado deve ter superestimado o desempenho do PIB em 2013. O IBC-Br do quarto trimestre exibiu contração de 0,2% no quarto trimestre, a mesma taxa de variação do período imediatamente anterior, reforçando a expectativa de um fraco desempenho do PIB no período de outubro a dezembro.

**Em sentido contrário ao da América Latina, clima econômico piora no Brasil**

Nesta quinta-feira (14/02), o IBRE/FGV e o instituto de pesquisa alemão IFO divulgaram o resultado do Indicador de Clima Econômico da América Latina (ICE) no trimestre findo em janeiro. De acordo com a leitura atual, o índice saltou de 88 para 95 pontos na passagem do trimestre encerrado em outubro para o de término em janeiro, após ter registrado queda nas duas divulgações anteriores. Vale ressaltar que, a despeito do crescimento na margem, o nível inferior a 100,0 pontos indica situação desfavorável da atividade econômica.

A melhora da última avaliação foi puxada pelos avanços nos índices dos seguintes países: Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, México, Paraguai, Peru e Uruguai. Por outro lado, o indicador do Brasil (de 95 para 89 pontos) teve desempenho bastante fraco. O ICE é ponderado pela participação da corrente de comércio (soma de exportações e importações) de cada país no total da América Latina.

O Brasil, que havia registrado avanço na comparação entre os trimestres findos em julho e em outubro, voltou a piorar e registrou queda de 6,3% na última leitura. Tal movimento refletiu a retração do Índice de Situação Atual e do Índice de Expectativas, em 6,0% e 11,0%, respectivamente; ambos os componentes ficaram abaixo da média histórica dos últimos dez anos. O ICE ainda ressaltou que a recente crise na Argentina, país que detém o segundo menor patamar da pesquisa (77 pontos), pode afetar o comércio no Mercosul em 2014, com destaque ao setor automobilístico brasileiro.

### **Índice IFO mostra expectativa de maior crescimento mundial**

Na manhã de ontem (13/02), o Centro de Estudos Econômicos da Alemanha divulgou o índice IFO de Clima Econômico Mundial. De acordo com a pesquisa, o índice subiu de 98,6 para a 103,2 pontos entre o quarto trimestre de 2013 e o primeiro trimestre de 2014. O índice refletiu principalmente as boas expectativas em relação aos Estados Unidos e à Europa, que vêm mostrando maior dinamismo. O componente de situação econômica exibiu forte alta na última leitura, passando de 84,1 para 91,6 pontos, enquanto que o componente de expectativas para os próximos seis meses variou de 112,3 para 114,0 pontos.

O indicador de clima econômico da América do Norte permaneceu acima da média de longo prazo, ao saltar de 88,7 pontos no último trimestre de 2013 para 102,1 pontos no primeiro trimestre do ano corrente. O indicador da Europa mostrou elevação de 109,7 pontos para 116,5

pontos. Por outro lado, o índice da Ásia sofreu ligeira contração, ao passar de 98,2 para 97,4 pontos.

O presidente do instituto IFO, Hans-Werner Sinn, mostrou otimismo com a retomada da economia mundial, todavia, ressaltou que as turbulências econômicas dos BRICS (grupo de países emergentes composto por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) podem afetar negativamente o clima econômico ao redor do mundo, assim como a situação dos outros emergentes. O presidente ainda frisou que os países da Zona do Euro não devem sentir tanto o efeito da redução dos estímulos monetários conduzida pelo Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos.

### **Índice de Confiança da Indústria recua 1,1% em fevereiro**

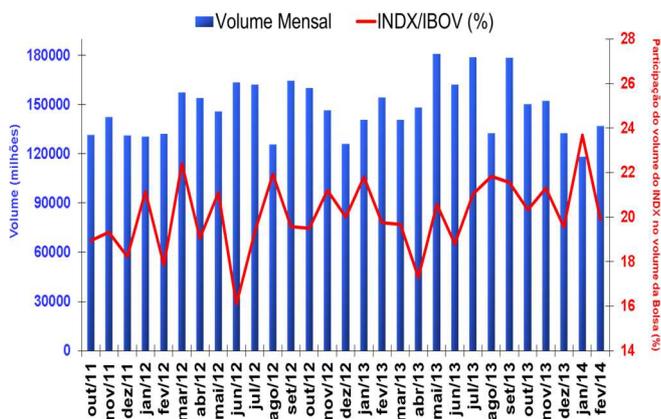
Foi divulgada na manhã de hoje (20/02) a Sondagem da Indústria de Transformação pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), que mostra a prévia do Índice de Confiança da Indústria (ICI). A prévia do ICI dessazonalizado recuou 1,1% em fevereiro, atingindo 98,4 pontos, abaixo da média histórica, de 104,8 pontos. Houve recuo maior em fevereiro frente ao mês imediatamente anterior, visto que a variação entre janeiro de 2014 e dezembro do ano anterior foi de -0,4%, chegando a 99,5 pontos. O resultado indica uma possível retração da atividade industrial em fevereiro.

Houve piora tanto na situação atual quanto nas expectativas. O Índice de Situação Atual (ISA) sofreu queda de 1,6%, chegando a 99,3 pontos, enquanto que o Índice de Expectativas (IE) diminuiu 0,6%, considerando o ajuste sazonal, finalizando em 97,5 pontos. Em janeiro, o ISA fechou em 100,9 pontos, variando 1,2% em relação ao mês anterior, enquanto que o IE tinha recuado 1,9%, também em comparação à leitura anterior, ao atingir 98,1 pontos.

O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) chegou a 84,7% em fevereiro, na série com ajuste sazonal. Vale ressaltar que o NUCI ficou 0,01 ponto percentual acima do resultado de janeiro de 2014 (84,6%) e 0,09 ponto percentual acima da média histórica dos últimos 60 meses (83,6%).

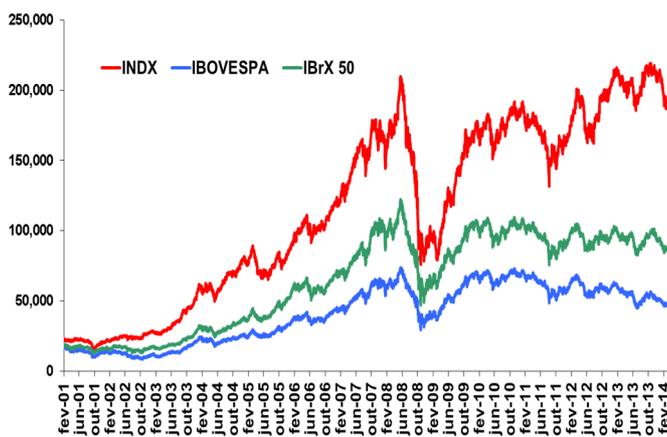
### Anexo: Gráficos e tabelas complementares

Volume Mensal de Negociações (Outubro/11 a Fevereiro/14)



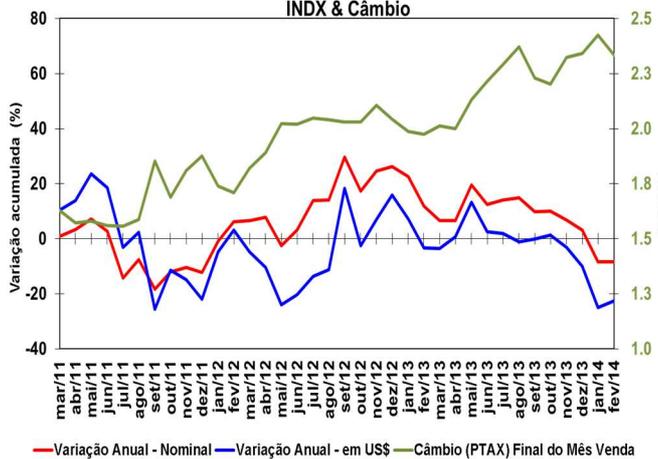
Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

Índices de Ações (Fevereiro/01 a Fevereiro/14)



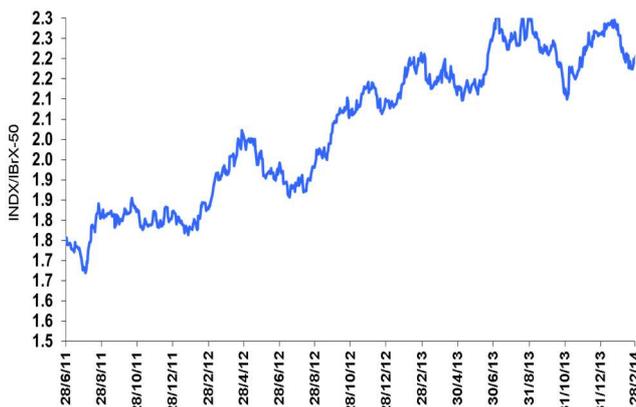
Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

INDX & Câmbio



Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

Índices de Ações INDX/IBrX-50 (Junho/11 - Fevereiro/14)



Fonte: BOVESPA. Elaboração: FIESP

<b>CORRELAÇÃO</b>	<b>INDX</b>	<b>IBOVESPA</b>	<b>IBRX 50</b>
<b>INDX</b>	1.00		
<b>IBOVESPA</b>	0.88	1.00	
<b>IBRX 50</b>	0.32	0.32	1.00

<b>BETA</b>		
<b>INDX C/ IBOV</b>		0.73
<b>INDX C/ IBRX50</b>		0.10
<b>IBRX 50 C/IBOV</b>		0.88

<b>VOLATILIDADE</b>	<b>INDX</b>	
	<b>IBOVESPA</b>	24.80
	<b>IBRX 50</b>	29.79
		81.23

(período 30/12/1999 - 14/03/2014)

As informações contidas neste documento são publicadas apenas para auxiliar os usuários, podem não ser adequadas aos objetivos de investimentos específicos, situação financeira ou necessidades individuais dos receptores e não devem ser considerados em substituição a um julgamento próprio e independente do investidor. Por ter sido baseado em informações tidas como confiáveis e de boa fé, não há nenhuma garantia de serem precisas, completas, imparciais ou corretas. As opiniões, projeções, suposições, estimativas, avaliações e eventuais preço(s) alvo(s) contidos no presente material referem-se a data indicada e estão sujeitos a alterações a qualquer tempo sem aviso prévio. Este documento não é, e não deve ser interpretado como, uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra de qualquer título ou valor mobiliário. Nem a FIESP e nem qualquer sociedade por ela controlada ou a ela coligada podem estar sujeitas a qualquer dano direto, indireto, especial, secundário, significativo, punitivo ou exemplar, incluindo prejuízos provenientes de qualquer maneira, da informação contida neste material. Este material é para uso exclusivo de seus receptores e seu conteúdo não pode ser reproduzido, redistribuído publicado ou copiado de qualquer forma, integral ou parcialmente, sem a expressa autorização prévia da FIESP.